

7 contos de réus

silvana guimarães¹

al punto

Qualquer maneira letal serviria.
Mas escolheu lá, do alto do viaduto, às onze e meia do último dia.
Olhem ao menos uma vez para mim.
Um desconhecido tenta impedi-la.
Não me toca, meu bem, sou ferida aberta.
Faz o sinal da cruz, fecha os olhos e salta.
Embaixo a multidão espera, ávida: jantar para mil talheres.

romã

Colha o fruto antes que apodreça, todos os lábios gemiam à francesa. A revista avisava: homem bonito produz esperma melhor. Mas Perséfone ignorou o conselho, a outra dizia que os feios fodem melhor. Nem se importou quando ele devorou o tagliarini a bolognesa, a gota do tinto escorrendo pelo canto esquerdo da boca aberta. Na vidraça do Macksoud Plaza, a cidade encoberta pela bruma trop noir, advertia: mulher chique deve dar a um Bogart. Chafurda-se assim na massa, o que não fará

numa bucinha? De trepada em trepada, um passo em falso e o amor. Dele, guardou a imagem do rosto enquadrado nas suas pernas em leque. E na partida, o olhar linear, contabilizando a presa do dia. *(Coincidência? Naquela noite, exatos sete meses depois, ele ligou. Falou em saudades, convidou-a para sair. Ela não teve tempo de responder. O travo na língua, o braço dormente, o copo espatifado no chão. Pela janela escancarada, a lua transitando em Gêmeos anunciava: momento excelente para a fatalidade.)*

aisthetike

No parapeito, São Paulo enfim! a seus pés.

O pulo, a queda, o baque.

A pincelada violenta e definitiva do vermelho puro no preto e branco da calçada. A tragédia e a comédia no esgar de sorriso. As pernas em perfeito demi-pliés. As mãos retendo o último movimento do adagietto. O espanto — origem do poema — no olho. Ainda assim leva a dúvida, se não seria a morte em Veneza mais bela.

ninharia

Órfã de pai e mãe, acidente, aos cinco anos. Perdeu o único irmão aos quinze, overdose. Aos vinte e cinco, enterrou o filho caçula, desnutrição. Aos trinta e sete, o marido, cirrose. Com quarenta e um, o primogênito, queima de arquivo. A filha do meio, aos quarenta e oito, aids. Não resistiu à morte do gato cinza, velhice, cinqüenta e sete. Tomou veneno. No velório as pessoas lamentavam: tão cedo e por tão pouco.

aflitos

Entre a Sé e a Luz, pouco antes da ave-maria, um menino de rua se mata com álcool e fogo. Seu corpo minguante se contorce à beira do meio-fio. Intócavel. Ardendo dentro dos olhos grandes da curiosidade pública. Um homem de idade avançada se benze e murmura, atônito: meu deus, criança se matar, final dos tempos. Depois, vai embora. Levando no peito um medo novo — muito maior do que o outro que sentia do menino, quando ele vivia.

latomia

De novo esta história começa numa noite escura de março, a lua escorregando devagar pelo céu. Até debruçar-se sobre o jardim e cintilar: um lago preso na grama. G. viu a noite a lua e o lago por entre as taliscas da janela, como se acordada. Ela não viu que arrasta os pés nos tacos que formam desenhos no chão. Que abre a porta do armário, revira uma gaveta, destampa uma caixa, espalha papéis. A carta. Por que o nosso amor tem que doer tanto ele perguntava no fim da única que lhe escreveu. Ele me amava, ela não viu. Que afaga o papel velho, alisa as letras. As palavras incapazes que ela engole nas noites de lua nova, como se vidro miúdo. O ritual sangrado. Silêncio e angústia explodindo na solidão do lugar. Nunca sou, serei, seremos. Amanhã é domingo de abril. O caminhão de lixo não vai passar na rua. O sol vai entrar esfarelado pelas taliscas da janela, como se purpurina num quarto ainda escuro. Até iluminar o pulso aberto da mulher: a flor da paixão só tem espinhos. A vida é incurável, ela não vê. Que dorme o sono eterno, como se ontem anos atrás.

ícaro suburbano

Entre a janela e o chão, ouviu, por último:

— Mãe, olha o passarinho.

¹ Silvana Guimarães (Belo Horizonte/MG). Escritora, redatora/revisora publicitária. Tem contos e poemas publicados em revistas nacionais e estrangeiras. Participou de algumas coletâneas, dentre elas, **Dedo de moça — uma antologia das escritoras suicidas** (São Paulo: Terracota, 2009), que organizou com Florbela de Itamambuca. É fundadora e editora da Germina — Revista de Literatura & Arte [www.germinalliteratura.com.br], Escritoras Suicidas [www.escritorassuicidas.com.br] e do site do escritor Rodrigo de Souza Leão [www.rodrigodesouzaleao.com.br]. Email: sil.guimaraes@gmail.com

Recebido: 14.11.2013

Aprovado: 30.11.2013